

Em seu programa semanal de rádio, presidente afirma que reservas cambiais garantem proteção ao Brasil

LULA MANTÉM O OTIMISMO

LUCIANO PIRES E

DANIEL PEREIRA

DA EQUIPE DO CORREIO

José Varella/CB



LULA, EM DISCURSO NO PLANALTO: PREOCUPAÇÃO NATURAL DE UM PAÍS EMERGENTE

Em um dia de cautela nos mercados e bolsas em alta, o presidente Luiz Inácio da Silva reafirmou ontem que o nervosismo internacional motivado pelo choque de crédito nos Estados Unidos não afetará o Brasil. No programa semanal *Café com o presidente*, Lula disse que a crise é “eminente (sic) americana”, centrada nas hipotecas imobiliárias e que ganhou impulso devido ao mau desempenho de fundos que adquiriram títulos de “terceira categoria” pensando em lucrar acima da média.

Lula disse confiar no poderoso colchão de reservas acumuladas pelo país — cerca de US\$ 160 bilhões — e se mostrou otimista em relação ao fim do estresse financeiro. “Na hora em que os Estados Unidos resolverem o seu problema, não terá problema no mundo”, minimizou. Segundo o presidente, o Brasil não teme a crise, mas advertiu: “Temos a preocupação natural de um país emergente, como qualquer país emergente deste mundo”.

O presidente defendeu que a nação está madura e que há ferramentas disponíveis para lidar com eventuais especulações financeiras. “O Brasil não vai retroceder. Esse país é sério. É um país governado com seriedade. Aprendemos a fazer a lição de casa. A crise que está acontecendo não vai afetar o Brasil”, completou.

Diagnóstico

Na reunião de coordenação política ocorrida ontem no Palácio do Planalto, o ministro da Fazenda, Guido Mantega,

pontuou aspectos da histeria dos mercados e seus possíveis efeitos. Otimista, a apresentação a Lula e aos outros ministros que fazem parte do grupo durou uma hora. Mantega reforçou que o Brasil está robusto para enfrentar o momento porque tem crescido graças à forte demanda do mercado interno. O ministro da Fazenda chamou a atenção ainda para os elevados níveis das reservas internacionais.

Já o ministro do Planejamento, Paulo Bernardo, afirmou não se tratar de crise internacional e sim turbulência que, segundo ele, vai passar. “Os efeitos da crise, ou talvez turbulência,

são muito pequenos para o Brasil”, completou. De acordo com Bernardo, se a instabilidade se prolongar haverá, por parte do governo, a necessidade de “uma preocupação maior”, mas que por enquanto a recomendação é “torcer e vigiar”.

Durante o encontro, outros participantes também ressaltaram que a instabilidade nas bolsas e entre os fundos de investimento nos Estados Unidos ainda não está completamente dissipada. Isso porque os investidores não sabem ao certo qual o tamanho do estrago causado na economia americana e nas demais que acabaram afetadas.